

Comunicar para “segurar o céu”: diálogo com o comunicador indígena Rodrigo Tremembé sobre suas narrativas e experiências nas redes sociais

Ivna Nilton Marques Girão¹

Submetido em: 18/10/2023

Aceito em: 19/11/2023

RESUMO

O artigo analisa a produção de conteúdo de jovens indígenas cearenses nas redes sociais com destaque para as publicações de Rodrigo Tremembé, observando as narrativas apresentadas na rede social “Instagram”, de como as vivências e as culturas são comunicadas. O referencial teórico dialoga com a filosofia de Ailton Krenak (2019) sobre a importância de “sempre poder contar mais uma história”, e a pesquisa se interessa por uma metodologia de “ouvir e contar”. Tudo isso, no intuito de pensar a presença desse jovem e a comunicação das suas culturas. E trago algumas questões: qual a importância de comunicar para contar histórias, como é a cultura indígena comunicada pelas redes sociais, como se organizam nesse espaço, que histórias os comunicadores querem contar, como se apresentam a partir de suas narrativas sobre cultura e comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Juventudes; Indígenas; Narrativas; Redes Sociais.

Communicating to “Hold the Sky”: A Dialogue with Indigenous Communicator Rodrigo Tremembé on His Narratives and Experiences on Social Media

¹ Graduada em Jornalismo - Comunicação Social (UNIFOR), graduada em História (UECE) e mestranda em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), cursando MBA em Marketing na PUC - RS.

ABSTRACT

The article analyzes the content production of young indigenous people from Ceará on social networks, with emphasis on Rodrigo Tremembé's publications, observing the narratives presented on the social network "Instagram", of how experiences and cultures are communicated. The theoretical framework dialogues with the philosophy of Ailton Krenak (2019) about the importance of "always being able to tell one more story", and the research is interested in a methodology of "listening and telling". All this, in order to think about the presence of these young people and the communication of their cultures. And I bring up some questions: what is the importance of communicating to tell stories, how is indigenous culture communicated through social networks, how are they organized in this space, what stories do communicators want to tell, how do they present themselves from their narratives about culture and communication.

KEY-WORDS

Youths; Indigenous; Narratives; Social Media.

Comunicar para "sostener el cielo": diálogo con el comunicador indígena Rodrigo Tremembé sobre sus narrativas y experiencias en redes sociales

RESUMEN

El artículo analiza la producción de contenidos de jóvenes indígenas de Ceará en las redes sociales, con énfasis en las publicaciones de Rodrigo Tremembé, observando las narrativas presentadas en la red social "Instagram", de cómo se comunican experiencias y culturas. El marco teórico dialoga con la filosofía de Ailton Krenak (2019) sobre la importancia de "poder contar siempre una historia más", y la investigación se interesa por una metodología de "escuchar y contar". Todo ello, con el fin de pensar en la presencia de estos jóvenes y en la comunicación de sus culturas. Y planteo algunas preguntas: cuál es la importancia de comunicar para contar historias, cómo se comunica la cultura indígena a través de las redes sociales, cómo se organizan en este espacio, qué historias quieren contar los comunicadores, cómo se presentan desde sus narrativas sobre la cultura y la comunicación.

PALABRAS-CLAVE

Jóvenes; Indígena; Narrativas; Redes sociales.

Introdução

O artigo analisa a produção de conteúdo de jovens indígenas cearenses nas redes sociais com destaque para as publicações de Rodrigo Tremembé, observando as narrativas apresentadas na rede social “Instagram”, de como as vivências e as culturas são comunicadas. O referencial teórico dialoga com a filosofia de Ailton Krenak (2019) sobre a importância de “sempre poder contar mais uma história”, e a pesquisa se interessa por uma metodologia de “ouvir e contar”, prioritariamente de caráter qualitativo, construindo análises qualitativas de textos e imagens. Tudo isso, no intuito de pensar a presença desse jovem e a comunicação das suas culturas. E trago algumas questões: qual a importância de comunicar para contar histórias, como é a cultura indígena comunicada pelas redes sociais, como se organizam nesse espaço, que histórias os comunicadores querem contar, como se apresentam a partir de suas narrativas sobre cultura e comunicação.

Como ponto de partida para o diálogo, trago também – para auxiliar na análise de um contexto histórico sobre a comunicação indígena no Ceará – um pouco do relato da criação da página na rede social “Instagram” da “Juventude Indígena Conectada - JIC” e narro como o Rodrigo Tremembé e demais indígenas estão produzindo conteúdos e se organizando, de modo coletivo, nos espaços virtuais.

E entre os objetivos específicos – desse artigo e de uma pesquisa mais ampla que ainda estou realizando - destaco o interesse em: fazer uma pesquisa – para a construção de um histórico da comunicação indígena no Ceará - sobre a presença das juventudes indígenas do Ceará nas redes sociais, percebendo se, há ou não, uma relação de reconhecimento, identificação e visibilidade dessa cultura; realizar um estudo sobre como as Culturas Indígenas, os modos de ser/existir no mundo estão sendo apresentados nas redes sociais, analisando como essas histórias, memórias, ritos são contadas e mediadas pela tecnologia e os impactos disso; produzir uma análise de conteúdo sobre as questões e os temas que são abordadas, com mais frequência, pelos jovens indígenas nas redes sociais; analisar os materiais coletados e perceber a relação da comunicação com as identidades, o lugar do corpo, o ritual, a estética e a vida comunitária.

Sobre a metodologia do artigo, trago, como escolha, o interesse de que a pesquisa seja prioritariamente de caráter qualitativo (STRAUSS e CORBIN, 2008), construindo análises

qualitativas de textos e imagens, ficando atenta também aos engajamentos e aos comentários nas postagens da rede social “Instagram”, com o objetivo de analisar a construção de narrativas, os protagonismos e o engajamento dos jovens comunicadores indígenas.

Como cenário, temos a produção de conteúdos comunicativos e o uso de tecnologias da comunicação pelos indígenas, fatos esses já consolidados e relevantes para a Comunicação Social. Como desdobramento da pesquisa, temos interesse em estudar a possibilidade de ampliação dos sujeitos produtores de novos conteúdos e a promoção de outras narrativas.

No Ceará, segundo informações disponíveis no Centro de Documentação da Associação para Desenvolvimento Local Co-produzido (Adelco), existem mais de 15 povos articulados no movimento indígena com mais de 50 mil indígenas, morando em mais de 100 aldeias, situadas em pelo menos 102 municípios, compondo 25 áreas indígenas. Em 2020, jovens comunicadores indígenas – incluindo a participação de Rodrigo Tremembé - se organizaram no recém-criado coletivo da “Juventude Indígena Conectada do Ceará - JIC”, página disponível na rede social “Instagram”. A JIC e a Articulação de Jovens Indígenas Tapeba (Ajit) são exemplos de outras organizações que atuam com essas pautas.

As histórias que carregamos são um pouco do que somos

Com a inspiração de Ailton Krenak (2019), trago aqui algumas considerações importantes nesse caminhar: a necessidade, mais do que nunca, de ouvir e escutar histórias, de poder contar mais uma história. E, quando a pesquisa surge, estamos, sim, colocando luzes no protagonismo da juventude que, nas plataformas, diariamente, trazem à tona, entre uma postagem e outra, as suas narrativas. A pesquisa propõe mergulhar nas redes, a fim de deixar aparecer e ressaltar o conteúdo que a juventude indígena tem produzido, os protagonismos assumidos e as vozes diversas.

A importância de contar histórias, de comunicar narrativas, de significar as existências, de trazer outras identidades. São contos sobre o nascer, causos sobre o morrer, lendas das matas, as origens dos nossos nomes, poéticas sobre o lugar de onde viemos, da vida que conta e se reconta. Por que contar e ouvir histórias, comunicar novas narrativas?

As histórias que carregamos são um pouco do que somos, contam um tanto dos nossos ancestrais, dos territórios, dos avós e avôs, são conexões que nos desvendam e ajudam a nos

construir no presente, no passado. Como contar essas histórias? As narrativas das culturas, dos saberes e fazeres são pilares que erguem as muitas moradas que seguram o céu sobre as nossas cabeças, como diz Ailton Krenak, em vídeo divulgado nas redes sociais:

Eu levo o cheiro daqui, o humor daqui, o afeto daqui, a beleza daqui. A poesia que existe na vida dos parentes daqui e que está expressa até na parede da casa dele, no chão da casa dele, que é a terra. Enquanto eles estiverem aqui, eles vão segurar o céu, sobre a nossa cabeça. (KRENAK, página Socioambiental no Instagram).

Escutar Ailton Krenak é se abrir para sentir, de modo profundo e sereno, um novo modo de imaginar e narrar a vida. Em um exercício bonito, de se desprender do conhecido, um convite, aqui, para você, leitor e leitora, afrouxar o peito, respirar devagar, se abrir para ouvir, não só palavras, mas também passarinhos, folhas, conversar com o vento e o tempo.

Krenak (2019) defende o conceito de pessoas coletivas, de “células que conseguem transmitir, através do tempo, visões diferentes do mundo” (Krenak, 2019, p. 10). O autor acredita que os povos indígenas possuem um vínculo profundo com a memória ancestral, o que, além de construir e dar significado a suas identidades, fortalece essas populações e as prepara para as lutas. Krenak afirma que não há diferença entre natureza e humanidade, ambas são a mesma coisa. “Não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que consigo pensar é natureza”. (Krenak, 2019, p. 17).

Sendo assim, escrevo esse texto como quem senta o corpo num terraço, relaxa o tronco na sombra e assobia para abrir recém-chegados caminhos, é tempo de escutar, contar e ouvir histórias, comunicar para salvar os dias. Momento de observar o farfalhar das árvores e o canto dos bichos, que parecem sussurrar ao pé do ouvido: cada passo e gesto é um contar de mim, de nós. É perceber que você está em coletivo – o encanto está aí dentro, é companhia quando o corpo repousa, quando o tranquilo da noite se aquieta com o som da chuva, o sono se embala com o rajar dos trovões, a alma achando conforto no cultivo da terra, no sabor gostoso do comer, no alento de serenar no colo e amanhecer.

E para adiar o fim do mundo, uma experiência a se exercitar: silenciar os sons de fora e amplificar as melodias de dentro, abrir espaço para escutar as revoadas no peito, as sabedorias dos encantados, celebrar as passarinhadas do Pajé Barbosa: “A dança dos passarinhos todo mundo vai cantar, a dança dos passarinhos todo mundo vai dançar”.

Em um gesto compartilhado, de escutar e contar, é a palavra que chega como natureza, é ela que deixa a terra molhar, os ventos falarem: uma comunicação que respeita o tempo dos encantados, dos guias, da espiritualidade, o diálogo que é cura, se refaz na encantaria, faz desflorar. Se comunicar como quem faz uma oração, um rezo para salvar os dias. É como conversar com as árvores, escutar a natureza para encontrar o equilíbrio das matas de dentro e de fora. Aprender a contar e a ouvir histórias, as muitas vozes que saltitam no corpo, que dançam, cantam, fazem se comunicar e revelar, que pronunciam o que virá.

Basta que nos concentremos na ideia principal de ser a rede um lugar de enunciação. Ou seja, “Não há conhecimento que não possua um ‘lugar de enunciação’ próprio [...] ou, mais exatamente, um ‘amalgama de lugares de enunciação’, referente a distintos lugares, escalas e circunstâncias de socialização e existência” (SOUZA, 2019, p. 115).

O ativista midiático e a Rede folkcomunicacional

Outro teórico importante para essa pesquisa é Osvaldo Meira Trigueiro (2006). Em seu artigo “O ativista midiático da rede folkcomunicacional”, quando o autor fala que com os novos formatos da sociedade contemporânea, os ativistas midiáticos da audiência emergem nas redes de comunicação cotidiana – folkmidiáticas – como sujeitos que, segundo ele, saem da sua condição de anonimato, “como mais um entre os muitos, para ganhar uma condição de visibilidade, de significação entre os familiares, amigos, instituições públicas, privadas e intensamente no núcleo dos seus grupos de referência primário e secundário”, afirma (TRIGUEIRO, 2006, página 5). O autor fala ainda que o ativista midiático age motivado pelos seus interesses e do grupo social ao qual pertence na formatação das práticas simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas para o uso da vida cotidiana, a citar:

É um narrador da cotidianidade, guardião da memória e da identidade local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais. Quando usa os seus próprios meios de comunicação, ocupa um espaço conquistado e reconhecido pelo seu grupo social, mas quando usa a mídia, o espaço é quase sempre concedido no transcurso de um tempo social, quase sempre sem o reconhecimento dos seus proprietários. Atua como um animador cultural da sua rua, do seu bairro, da sua cidade, viabilizando a movimentação entre a realidade do seu mundo vivo e a encenação da ficção televisual. É um promotor de

acontecimentos que interliga a produção cultural dos grupos populares espontâneos em instituições. (TRIGUEIRO, 2006, pág 9).

Como já ressaltai, esse artigo faz parte de uma pesquisa maior que ainda está em curso. Tenho conversado com demais jovens, além do Rodrigo Tremembé. E muitos são os que aceitaram o convite, se colocaram ativos, como protagonistas do seu corpo e da sua voz e estão contando suas histórias e do seu povo. Trago exemplos aqui de alguns indígenas que venho acompanhando nas redes sociais e aproveito para convidar os leitores(as) a segui-los também na rede social “Instagram”, cito alguns: Merremii Karão, Janaina Jenipapo, Luan de Castro Tremembé, Renan Tabajara, Jardel Potyguara, Rapha Anacé, Clarinha Freitas, Marciane Tapeba, Kennedy Tapeba, Índia Atualizada, Antonia Kanindé, Mateus Tremembé da Barra, Ezequiel Nascimento, Cassimiro Itapewa, Samuel Nascimento, Débora Anacé, Thais Pitaguary, Rafa Anacé, Lucas Kariri e tanto outros e outras.

Para a juventude, contar histórias é fazer política, é sair da invisibilidade, trazer possibilidades de construções de narrativas dissidentes, diversas e insistentes, é espaço para construção das resistências: e trago aqui o Hall (2006) e seu debate sobre a transformação do espaço da cultura “em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se tem vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (HALL, 2006, p. 239). A cada nova página na rede social “Instagram” que surge, vozes se amplificam.

A pesquisa que venho construindo no Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC), de modo coletivo e com escuta e respeito aos que disponibilizam um tempo para a troca de saberes, se propõe a pisar neste chão sagrado que são as histórias e as vivências que contam e sentem os jovens indígenas do Ceará e como, a partir dos seus repertórios, eles estão construindo comunicações nas suas redes sociais.

Tenho encontrado com esses jovens e praticado o exercício da escuta. Essa pesquisa tem o desejo de contar aqui, com muita ética e compromisso, o que Rodrigo Tremembé têm produzido de comunicação, de ação, de interação. Apresento – para ajudar numa contextualização - considerações sobre a página, na rede social “Instagram”, da Juventude Indígena Conectada (JIC) e de um vídeo publicado chamado “Organização”. Além do protagonismo que diversos jovens indígenas cearenses exercem nas suas redes sociais como

citei acima, podemos ressaltar também a organização deles em coletivos de comunicação, a citar, como exemplo, a página da JIC, com 379 publicações e 2.252 seguidores.

O site da ADELCO, apresenta, no seu Centro de Documentação Indígena, uma lista com “comunicadores/as indígenas”, que apresenta, conforme observação feita no dia 19 de abril de 2023, um total de 32 comunicadores e 13 canais, entre podcasts, blogs e sites.

Para Linda T. Smith (2012), a questão da representação faz parte da agenda de pesquisa e produção do conhecimento indígena. O principal veículo de autor- representação dos povos indígenas é a comunicação, materializada em diversos processos, mídias e mensagens que compreendem o verdadeiro pensamento dos povos indígenas.

A construção da Rede de Comunicadores Indígenas

E antes de falar de Rodrigo Tremembé, peço licença para apresentar um pouco da JIC: um coletivo de comunicadores indígenas que trouxe – para as redes e para o movimento político indígena do Ceará - o esforço de consolidar, na agenda, a pauta da comunicação como estratégica para o avanço em direitos: um espaço, criado e alimentado por indígenas, que vem ganhando destaque e reconhecimento dos povos e do movimento indígena.

A JIC é um exemplo sobre a importância que a pauta da comunicação vem ganhando e sobre a necessidade de contar histórias. Trago aqui o destaque para o vídeo “Organização” publicado na rede social “Instagram” da JIC e revela pontos importantes de reflexão:

“Boas Vindas- JIC. Olá parente, tudo bem? Já pensou em fortalecer a luta do seu Povo através da comunicação? - Não? Então deixa a gente te contar uma coisa... A comunicação tem se tornado uma importante aliada dos Povos Indígenas na defesa do território e da vida. Comunicar para contar histórias, informar, denunciar e fortalecer as lutas. Esse é o momento ideal de você jovem indígena conhecer e/ou compartilhar seus conhecimentos em diversas áreas da comunicação: Fotografia, vídeos e áudios, produção de textos e entrevistas escritas, designer gráfico, produção de conteúdo artísticos, produção de podcast e administração de redes sociais e assim contribuir com a construção da Rede de Comunicadores Indígenas do Ceará- Juventude Indígena Conectada (JIC). VEM CONOSCO?”.

O vídeo mostra rostos de jovens indígenas da JIC, com um toré ao fundo, traz falas de convocação, de convite - “já pensaram em ecoar a voz de vocês através da comunicação?”.

Ressaltam a importância de trazer uma “história que foi muito tempo apagada”, e de se organizarem em coletivo “pois cheguem junto da JIC que juntos demarcaremos as telinhas”. Em destaque, na tela final, após a apresentação de cada um, os dizeres: “Educar na mídia também é um processo de resistência”.

A experiência da criação JIC e a mobilização da juventude em torno da comunicação mostram sim a importância da organização dos(as) jovens, a gana de quem se comunica para sobreviver, quem escreve para fazer atravessamentos, para forçar existências e construir resistências, para disputar narrativas e consolidar uma experiência de comunicação mais dialógica, plural, diversificada, decolonial, que rompa fronteiras, que fortaleça direitos, que descentralize os olhares, as vozes, traga novos protagonismos e sujeitos.

“Seguimos em resistência, e a comunicação é uma peça fundamental”

E antes de falar melhor sobre o Rodrigo Tremembé, acho importante explicar mais sobre esse histórico e a pauta da comunicação. E vou caminhar agora apresentando um pouco dessa convocatória para as lutas e para a ocupação das redes como uma importante pauta nacional do movimento indígena, com destaque para o protagonismo das juventudes.

Exemplificação disso é a campanha lançada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) na rede social “Instagram” chamada de “Boas práticas de comunicação sobre a pauta indígena”:

Ei, parentes comunicadores e parceiros da imprensa, com o avanço da agenda anti-indígena e anti ambiental no congresso, seguimos em resistência, e a comunicação é uma peça fundamental. Para seguir ecoando a luta pela vida e contra o marco temporal, preparamos algumas orientações que tem objetivo de mostrar boas práticas de comunicação e posturas para fortalecer os povos e organizações indígenas. (Legenda do instagram @apiboficial www.instagram.com/p/CuP8CfLPZBm/)

Figura 1: post na rede social “Instagram”



Fonte: @apiboficial, divulgado no dia 07 de julho de 2023.

A Apib conta com mais de 270 mil seguidores. A campanha “Boas práticas de comunicação sobre a pauta indígena” ressalta, nos seus cards, alguns pontos, que trago aqui:

- o protagonismo:

A importância de reforçar o protagonismo do movimento indígena e dos povos na realização de atos, assim como em todo o seu processo de resistência que dura mais de 520 anos e com o reforço do papel dos povos de Guardiões da Natureza;

- a diversidade cultural:

A necessidade de reforçar a pluralidade e a diversidade de povos das diferentes regiões do Brasil, evitar se dirigir aos povos de modo genérico e não dar a entender que existem indígenas somente na Amazônia e entender que toda cultura é dinâmica, não fica parada no tempo;

- a linguagem e grafia:

A linguagem tem um importante peso político e não se referir a indígenas com conotação colonialista ou integracionista - usar “indígena” ao invés de “índio”, usar “povo” ao invés de “tribo ou etnia”, usar “aldeia ou comunidade” ao invés de “tribo” e usar “proteger” ao invés de “preservar”;

- o uso de imagem:

Figura 2: print do Post publicado na rede social “Instagram”



Fonte: @mídiaindigenaoficial no dia 19 de abril de 2023.

Sugere-se que sempre considere o contexto e a linguagem quanto utilizar imagens e fotos de povos indígenas e pinturas corporais e grafismos indígenas têm significados muito singulares para cada povo, que não conseguimos compreender. Além disso, podem estar relacionados a elementos sagrados e espirituais e ser usados apenas em ocasiões muito especiais. Evite reproduzir as pinturas corporais indígenas ou se apropriar dos desenhos ou utilizar imagens de indígenas fora de contexto.

“Indigenizando a comunicação”

Continuando a apresentar experiências de comunicação feitas por jovens indígenas, trago aqui uma recente postagem na rede social “Instagram” da Mídia Indígena Oficial na ocasião em que o coletivo anuncia a mudança do nome da página (que anteriormente era “mídia índia”).

A Mídia Indígena, conforme apresentação do grupo na rede social “Instagram”, é um coletivo formado por indígenas, de diversas comunidades, regiões e povos. Protagonizada por jovens que contribuem para romper uma comunicação hegemônica e não participativa. Um dos

maiores objetivos da página é a garantia de uma comunicação representativa. Um post, publicado no dia 19 de abril de 2023, apresenta a nova identidade e explica:

Neste Dia dos Povos Indígenas, apresentamos a todos os indígenas e seguidores de nossas redes sociais a nossa nova identidade. A partir de hoje, passaremos a utilizar o nome MÍDIA INDÍGENA. Sabemos que terminologias pejorativas ainda nos afetam, mas acreditamos na ressignificação e na desconstrução para construir uma nova realidade para nossos povos.

Sempre acreditamos na capacidade da comunicação indígena como uma ação fundamental, formativa e transformadora. Nossa principal missão é dar visibilidade e fortalecer nossa luta ancestral. (Post publicado no instagram [midiaindigenaoficial](https://www.instagram.com/midiaindigenaoficial) no dia 19 de abril de 2023 www.instagram.com/p/CrNtOGxuAeK/):

A postagem traz engajamento e comentários, um em especial eu trago com destaque aqui: quando a Célia Xakriabá, a 1ª Deputada Federal indígena eleita por Minas Gerais, comenta celebrando a mudança “Indigenizando a comunicação”. Com mais de 241 mil seguidores, a parlamentar traz em sua bio do insta a frase que virou seu lema: “Antes do Brasil da coroa, existe o Brasil do cocar”.

Antes do “reposicionamento” da identidade e marca da Mídia Indígena, o coletivo de jovens comunicadores indígenas lançou, entre suas ações em rede, o programa “Fala Mídia Índia”, no YouTube, para informar e multiplicar as informações sobre os povos indígenas no Brasil. Na estreia, que aconteceu no dia 5 de julho de 2023, o programa contou com mediação de Erisvan Guajajara, Erick Terena e Tukumã Pataxo, que trouxeram um balanço político e descontraído sobre as mobilizações dos povos indígenas no mês de Junho.

O programa, que conta com 5 episódios, foi ao ar uma vez por mês, no canal da Mídia Índia no YouTube, em um formato de debates e convidados. O “Fala Mídia Índia” está salvo no canal e o programa de estreia contou mais de 904 visualizações no youtube. No programa de estreia do “Fala Mídia Índia”, o jornalista Erisvan Guajajara, que no seu instagram @itaynwa se apresenta como “ativista defensor de direitos indígenas, fundador coordenador da @midiaindigenaoficial usando a comunicação como ferramenta de luta”:

Estamos vindo aí com muitas novidades na comunicação, com uma juventude mais potente e uma equipe de comunicação bem ampliada. A galera que está chegando junto está crescendo, somos uma rede que está mostrando, através da comunicação, o protagonismo dos povos indígenas. Tem uma juventude indígena

de todo Brasil e muito grande acompanhando a gente. E temos a tarefa de fortalecer, ainda mais a pauta da juventude e da comunicação dentro do movimento, é uma turma muito potente. A juventude traz a força das novas ideias para o movimento.

E vamos fortalecendo a comunicação e a juventude, são muitas pautas para produzir e a cada dia que passa vamos aprendendo mais com as nossas lideranças e as nossas organizações. E vamos caminhando rumo à essa revolução que é a comunicação que traz aí o protagonismo da juventude, uma comunicação que conte a nossa história como deve ser contada. E estamos ocupando esse espaço aqui hoje que é de grande importância. Não somos apenas militantes de internet, estamos aqui ocupando um espaço que há muito tempo nos foi negado. E estamos usando essa ferramenta, que nos foi negada, para contar a nossa história como deve ser contada porque os grandes veículos de comunicação sempre trazem os povos indígenas de modo negativo. (Fala do jornalista Erisvan Guajajara, disponível em: www.youtube.com/watch?app=desktop&v=5YybBLUfe-Q&feature=youtu.be).

Terra fértil, semeadura, espera e colheita

Início agora um novo momento aqui neste artigo. Após a preparação da terra, nas primeiras páginas deste texto, sigo para o momento da fertilização do solo e posterior semeadura, que trará, após um tempo de observação, espaço para a colheita. Se eu puder assim dividir esse produto acadêmico, ele assim: terra fértil, semeadura, espera e colheita.

Trago aqui, nesse processo de “adubar” o solo, um tanto de saber e de oferta que os jovens comunicadores indígenas plantaram em mim. Durante a pesquisa – que compartilho uma parte dela nesse artigo – tive vários encontros presenciais e online, realizados entre os anos de 2022 e 2023, que floresceram em mim ideias que escrevo agora. Com muita alegria, apresento um pouco para vocês do Rodrigo Tremembé.

Que história sua roupa conta

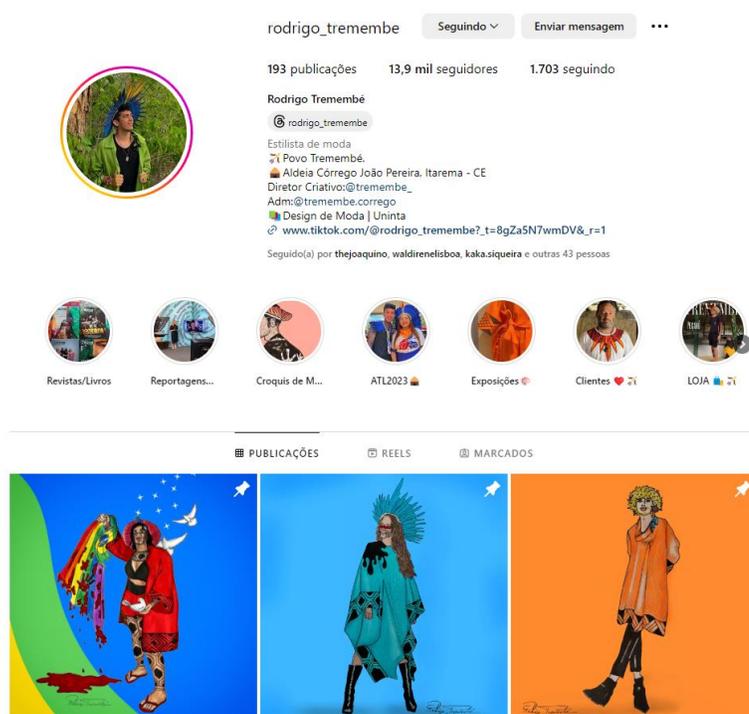
Falo sobre o jovem indígena Rodrigo Tremembé, integrante da JIC e de demais coletivos, nascido na Aldeia Córrego João Pereira, no município de Itarema, Ceará. Em meio aos croquis de moda, pincéis coloridos, pinturas de urucum e jenipapo, desenha e apresenta suas criações. Sua fala convida a conhecer mais sobre seu povo ao apresentar as pinturas, modelagens de vestidos, peças de artesanato, ora mais simples, ora mais sofisticadas.

Essa estética se materializa em vestidos, camisetas, bolsas, indumentárias representativas da ancestralidade e da cultura do povo Tremembé. Além disso, o conteúdo

desse jovem indígena na rede social “Instagram” sucinta a reflexão crítica sobre o papel político da moda. Em uma de suas postagens nas redes, Rodrigo Tremembé indaga: "O vestir também é político. Que História sua roupa conta?".

Ao falar da cultura da moda e do vestir, o jovem indígena Tremembé conta, nas suas redes sociais, histórias mostrando a sua rotina na aldeia, os bastidores das criações das peças, as inspirações das matas, a cor do urucum e a geometria do grafismo indígena. O pensamento estético desse jovem Tremembé salta do papel e logo vira vídeo. Com 193 publicações na sua rede social Instagram, Rodrigo Tremembé conta com 13,9 mil seguidores. O conteúdo do Tremembé parece proporcionar, aos seus seguidores, uma experiência íntima na sua criação. Trata-se da possibilidade de mergulho na cultura indígena e de uma vivência em ambiente virtual com relatos sobre o preconceito que ele tenta denunciar na sua condição étnica.

Figura 3: Tela inicial da rede social Instagram



Fonte: Rodrigo Tremembé, em 23 de novembro de 2023.

Trata-se de um jovem indígena que transpõe sua militância política e sua arte para o ambiente digital, num movimento de performar e tentar dialogar com as tendências dos

aplicativos, editando vídeos e gerando engajamento, o que é comum aos sujeitos que se convencionou chamar de “influencers”.

Rodrigo Tremembé vive na aldeia e sua arte parece trazer toda a sua encantaria, é nascida no terreiro, é pintada no Córrego do Rio, é parida pelas suas ancestralidades. Ressalto aqui uma postagem em que ele apresenta um croqui de moda indígena celebrando outra artista Tremembé, a Navegante. “Representação de Resistência e Grafismo de uma artesã de meu povo, essa mandala/estrela foi feita por Navegante na década de 90 e se destaca de todos os Grafismo que já vi, nós Tremembé de Itarema. Somos povos da terra e do mar”.

Trago com destaque a atuação de Rodrigo Tremembé nas redes para que possamos tentar perceber a relação do artista com a plataforma, as formas e as estratégias que ele cria para dialogar, interferir ou não, na audiência e nos engajamentos, vivenciando essa mistura de moda e política e como isso viria a emergir nos seus textos, fotos.

Observando a atuação de Rodrigo Tremembé e de outros indígenas que estão nas redes, trago as narrativas de Di Felice (2017) com o “net-ativismo”, termo que se encaixa muito com essas novas conexões feitas pela juventude. Para o autor, a primeira fase do net-ativismo foi marcada pelo compartilhamento de textos e pela passagem da mídia alternativa para a mídia participativa na Internet, ainda bastante centrada na figura de líderes e com um modelo comunicativo unidirecional de um para muitos.

Numa segunda etapa, sempre acompanhando as mudanças tecnológicas da própria Internet e das plataformas digitais, surgem novos tipos de conflitos e participação descentralizados, com a participação de pessoas e movimentos. A partir da terceira fase, com a Internet 2.0 e das redes sociais, começa uma maior “interação colaborativa entre pessoas, dispositivos de conexão, bancos de dados e territorialidades” (DI FELICE, 2017, p.135). É nessa terceira fase que temos a chance de encontrar pontos interessantes nos diálogos entre comunicação, interação e afirmação cultural e territorial.

Ao falar do Rodrigo Tremembé, trago aqui também outros indígenas que integram a JIC, e como a voz ganha força quando as identidades se ressaltam, como a cultura se faz e refaz a cada construção, cada comunicação. “Sua maneira de produzir se desenvolve a partir da formação de sua própria identidade, de sua cultura e ancestralidade. É um sentido de produção de rotinas de comunicação, que se estabelece com o princípio de respeito à fala e aos processos

mnemônicos de quem emite a informação” (NASCIMENTO, Letycia G.; BASTOS, Pablo p. 65, 2020).

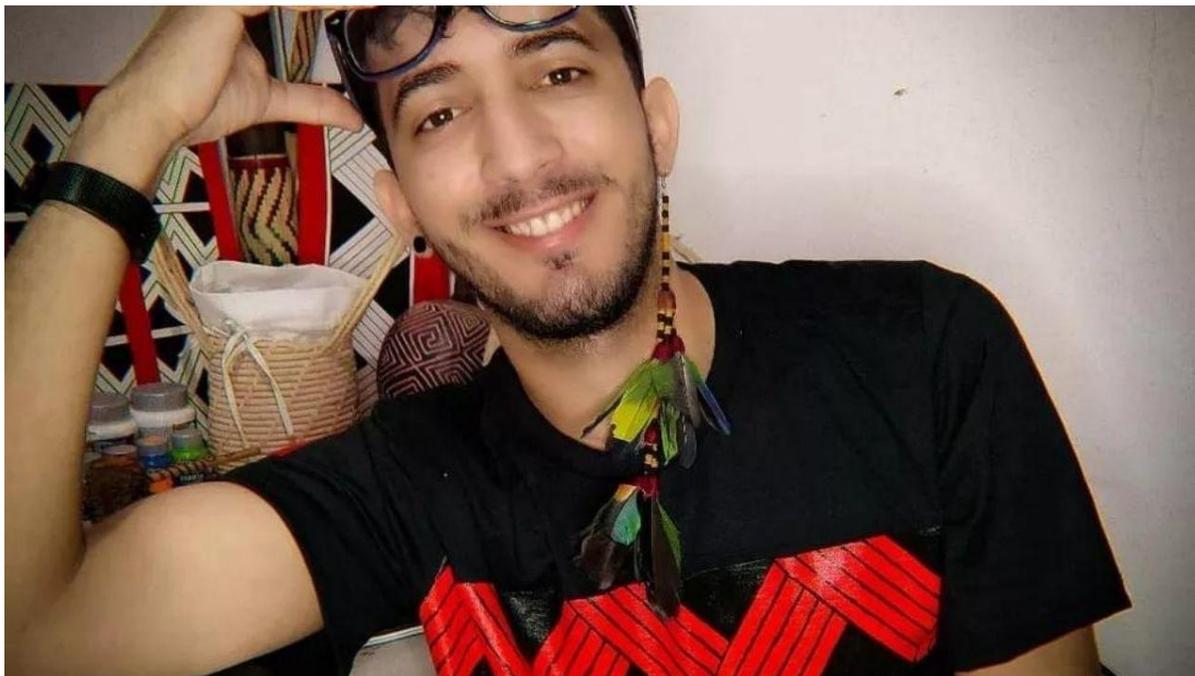
Entrevista com Rodrigo Tremembé

Sou Rodrigo Tremembé, Tremembé é o nome do meu Povo, e foi dele que fui parido. Nasci e sou residente na T.I Córrego João Pereira, que fica na região norte do estado do Ceará, município de Itarema.

Meu nascimento foi numa casinha de Taipa, pelas mãos de uma curandeira (minha vó), dela me veio o dom da pajelança através da arte. Na terra eu sou semente, sou fruto.

Essa metáfora está relacionada a ancestralidade e encantaria (nossa espiritualidade), pois nossa relação com a natureza é umbilical, somos frutos dos troncos velhos, nossos anciões. Ser semente é entender que podemos semear e reflorestar espaços e mentes. (Entrevista online com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará).

Figura 4: imagem de Rodrigo Tremembé



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

E assim, se apresentando como semente que pode semear e reflorestar, o comunicador indígena Rodrigo Tremembé se mostra para mim, em uma conversa online, realizada no dia 30

de janeiro de 2023, eu em Fortaleza, e ele na aldeia, na Terra Indígena Tremembé. O diálogo segue, após a descrição de como ele se vê no mundo, falamos um pouco sobre as redes sociais que ele se engaja. Na rede social “Instagram”, a biografia o define como “Designer de Moda Indígena”, então faço a pergunta “O que é ser “designer” para você?”:

Figura 5: Croqui de Rodrigo Tremembé



Fonte: Croqui de Rodrigo Tremembé, em 18 de abril de 2022.

Design é um termo novo para algo que já venho fazendo desde minha origem, na vivência da aldeia a arte não é objeto, ela faz parte de nossas vidas. Desde minha memória mais remota, lembro de estar desenhando no chão da aldeia, com o dedo, com gravetos. Ao crescer e ter dimensão que lá fora as pessoas chamam isso de “design, arte” aprendi que havia a possibilidade de costurar ao ancestral ao moderno. Atualmente atuo na área da moda Indígena e percebo que as vestimentas não são apenas elementos estéticos, mas que elas reforçam nossa identidade, pois somos reflexo do que vestimos, nossas roupas não falam, mas diz muito sobre quem somos.

Ser designer de moda Indígena é um desafio, pois vejo desde há muito que o conceito de arte presente na sociedade é algo muito branco, elitista e eurocêntrico. Quando olho para as passarelas, para a indústria criativa como um todo, e vejo a ausência de representatividade Indígena, percebo que há uma subalternização dos povos Originários – fruto da colonização – que ainda está em curso. Por isso precisamos nos fazer ouvir e presente, e acessar espaços antes inimagináveis a nós. O Design do ponto de vista Indígena toma uma dimensão decolonial, onde o viver e a arte não se distinguem. (Entrevista online com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará).

Na rede social “Instagram”, Rodrigo Tremembé tem mais de 13,9 mil seguidores. E pergunto a importância da comunicação e do uso das redes para ele. Em entrevista online, Rodrigo fala que as redes sociais permitem ampliar vozes, demarcar espaços e ressignificar visões estereotipadas sobre povos indígenas. Para ele, a etno-comunicação tem sido uma forma de resistência diante das tentativas de etnocídio e apagamento dos direitos. Ele percebe que, nos últimos quatro anos, a presença indígena se intensificou nas redes sociais devido, segundo ele, aos inúmeros retrocessos no cenário das políticas indígenas, sendo assim, as redes serviram, sob análise dele, para denunciar tais violências.

“Comunicar é preciso” essa é uma frase do comunicador indígena Luan de Castro Tremembé, aprendi com isso que nossa oralidade: o costume de passar informações boca a boca deveria ser ampliada também para o cenário digital, e que ele também é espaço para Indígenas.

Comunicar vai além da ideia de fazer vídeos e/ou conteúdos para as redes sociais, nossas produções artísticas e culturais também são formas de comunicação. A etnofotografia por exemplo tem a capacidade de comunicar sobretudo através de imagens, a produção do fotógrafo indígena a partir do seu próprio olhar diz muito sobre protagonismo, sobre representatividade e quebra de estereótipos. (Entrevista online com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará).

Sigo a entrevista perguntando agora sobre como ele observa a repercussão do que ele comunica, indago se ele acha que as suas palavras já conseguiram ir ao longe. Rodrigo Tremembé me responde que, em 2022, foi o único indígena brasileiro a ser escolhido para expor suas artes na sede da UNESCO em Paris, na exposição “Turn It Around” idealizada pela Artist’ Literacies Institute, Arizona States University junto a Open society. Ele fala que expôs um croquis de moda indígena que denunciava as práticas de desmatamento no Brasil, muito intensificados nos últimos anos, e continua:

Minha arte fez parte das discussões da Cop-26 em Glasgow na Escócia, e posteriormente exposta na sede da UNESCO junto a obra de mais de 70 artistas de 44 países diferentes. Durante meses, líderes globais, ambientalistas, ativistas, entre outros, tiveram acesso a essa exposição que teve por tema principal a luta por Justiça climática. Nesse sentido, durante essa exposição percebi que minha arte não se resumia apenas a voz do meu povo, mas a voz de todos os povos Originários do Brasil, já que a luta pela mãe Terra, a proteção dos territórios e demarcação dos mesmos é uma luta coletiva.

Poder levar minhas palavras e arte para longe gerou conexões e perspectivas de diálogos intergeracionais acerca da sustentabilidade e regeneração da terra. Após a grande repercussão nas mídias sociais acerca da exposição, notei que comunicar é realmente preciso. Muitas pessoas que desconheciam termos como “justiça climática, racismo ambiental, ODS” etc. Se interessaram mais pelos temas. (Entrevista online com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará).

Seguindo o nosso encontro, indago o que é ser um jovem indígena que usa as redes e a moda para se manifestar. Para Rodrigo Tremembé, a cultura tem bases na ancestralidade, memória, costumes, crenças e tradições. Segundo ele, são esses os elementos básicos que reforçam a etnicidade, ele fala um pouco mais aqui:

É importante perceber que as mudanças globais e o avanço da tecnologia fazem as culturas terem uma dimensão cíclica, onde não se perde a identidade, mas essas novas ferramentas vêm a somar com nossas causas e lutas. Quando utilizo a moda Indígena para manifestar a cultura do meu povo eu crio esse diálogo entre gerações e a importância de acompanhar as benesses dessa sociedade, mas sempre com os pés no chão, olhando para trás e valorizando a caminhada daqueles que me antecederam, pois somos reflexos dos passos dados por eles e a minha voz é a soma de muitas vozes. As redes sociais tem sido uma ferramenta política para mim. Quando eu ocupo as telas e mostro ao mundo que estamos, e somos presentes em todos os espaços, estou falando de representatividade. (Entrevista online com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará).

A conversa vai se aprofundando ainda mais no tema da comunicação e das possibilidades de avanço nas lutas por direitos. E indago, o que ele acha sobre as redes sociais e o enfrentamento aos preconceitos. Para ele, as redes sociais são um terreno minado, ele relata que já passou por inúmeros episódios de preconceitos e racismos.

Certa vez questionaram o tom de minha pele, afirmando que não existia indígenas de pele clara. Percebi que eu estava diante de uma tentativa de silenciamento e apagamento do meu povo, pois no contexto de aldeia somos seres coletivos, quando fere um, fere a todos. Naquele momento percebi que haviam dois caminhos: ou eu ficava calado e não questionava, ou eu usaria aquele episódio como base para buscar resiliência e inspirar outras pessoas que passam pela mesma situação e não sabem se defender. Obviamente optei por não me calar, por não ser domesticado desse sistema que tenta me “matar”.

Meu processo na moda Indígena se iniciou após esse episódio de racismo, comecei a usar a moda e arte para falar de diversidade e as redes sociais foram o meu arco e flecha. Essa foi uma experiência pessoal, porém existem diversos exemplos de racismo envolvendo não só povos Indígenas, mas diversas outras

corporeidades, grupos e minorias que são diariamente subalternizados e invisibilizados.

Nas redes vejo a possibilidade de contarmos nossas histórias pelas nossas próprias perspectivas. Isso é essencial em um país onde se escreveu mais de 500 anos de história pautada em vários equívocos, a exemplo da “descoberta” de um território que foi invadido.

Ao perceber que é extremamente problemático ficarmos na posição de interlocutor enquanto outros contam nossas histórias a partir de suas perspectivas recheadas de estereótipos e visões genéricas, percebemos que não poderíamos ficar nos bastidores, mas que devíamos e podíamos assumir o protagonismo de nossas existências. Nós fomos “obrigados” de certo modo a está nesses espaços, pois se ferem nossa existência, seremos resistência. (Entrevista online com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará).

A entrevista caminha agora para desafios na construção de novos olhares sobre as juventudes indígenas. Para ele, a juventude Indígena tem sim acompanhado os avanços da sociedade, sobretudo nas redes sociais. Ele acredita que seu trabalho tem sido uma semente, ele diz que é bom saber que ele inspira outros a ampliar também suas vozes, a voz de seus povos. Ele vem notando que os movimentos juvenis têm utilizado bem as ferramentas para fortalecer suas lutas. “Todo movimento antirracista passa por essa fase de debates e visões opostas. O importante é construir um diálogo democrático e colaborativo onde seja respeitado o direito originário e o acesso dos mesmo nesses espaços midiáticos sem contrapor suas culturas. A tecnologia não apaga nossa existência, ela reforça, se utilizada da forma correta”. E finalizo essa nossa primeira conversa falando sobre futuro, sobre sonhar a vida, sobre sonhar a terra. E ele conclui:

Sonho que os discursos bem falados sejam efetivos na vida real. Vivemos num mundo de idealizações imaginárias, onde projetamos e expressamos visões de mundo quase utópicas. Se cada frase de progresso, de acolhimento e resiliência se tornassem em ações concretas, o mundo seria um lugar bem mais leve para se viver.

A ancestralidade é a água que molha minhas raízes. Criei essa frase em meio a memória dos meus Ancestrais, ela me faz pensar sobre nossa relação com a natureza, e o quanto o futuro é Ancestral. (Entrevista online com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará).

Considerações finais

Analisando o trabalho de Rodrigo Tremembé na rede social “Instagram”, pude observar, e trago com considerações finais, que ele faz postagens, com o recurso do uso de vídeos e de fotos, com o objetivo de denunciar as violências sofridas contra seu povo, de apresentar seu trabalho em moda e construir interações e criar redes de comunicação e de coletividade. Ele chama atenção para ações do movimento indígena, em uma tentativa de se envolver com as agendas, - faz narrativas políticas mais densas, mas também sabe interagir com as “modas” das plataformas da Internet e até “brinca” com as danças dos vídeos de “reels”, rebatendo racismos que ele aponta sofrer por ser indígena; comenta sobre o lugar de fala dele, realça sua identidade enquanto jovem indígena e, minutos depois, posta um croqui de vestimenta inspirado em grafismos do seu povo.

Um movimento importante de se observar: as suas criações da “moda” e do vestir parecem dialogar, de forma intensa, com a sua identidade, numa dança, a meu ver, sincronizada entre vivência e invenção. A atuação do Rodrigo Tremembé, e também a experiência da criação JIC e a produção de conteúdo de outros comunicadores indígenas em torno da comunicação, mostra sim a importância da organização dos(as) jovens, a gana de quem se comunica para sobreviver, quem escreve para fazer atravessamentos, para forçar existências e construir resistências, para disputar narrativas e consolidar uma experiência de comunicação mais dialógica, plural, diversificada, decolonial, que rompa fronteiras, que fortaleça direitos, que descentralize os olhares, as vozes, traga novos protagonismos.

Por fim, agradeço ao Rodrigo Tremembé, aos demais jovens indígenas do Ceará pelos bonitos encontros, pela inspiração e motivação; aos encantados, agradeço a licença para a escrita e a pesquisa.

Referências

DI FELICE, Massimo. **Net-Ativismo: da Ação Social para o Ato Conectivo**. Editora: Paulus, 2017.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

KRENAK, Ailton; Piúba, Fabiano (orgs.) **Desnaturada: cultura e natureza**. Organização de Ailton Krenak e Fabiano Piúba. Fortaleza: Secult/Ce, 2022.

NASCIMENTO, L. G. **Etnocomunicação Ancestral E Decolonial: Uma Análise Sobre A Webrádio Yandê**. Revista Latinoamericana De Ciencias De La Comunicación. 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ambientes e territórios: uma introdução à Ecologia Política**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2019.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas**. Curitiba: UFPR, 2012.

TRIGUEIRO. O. M. O ativista midiático da rede folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, vol. 1, no. 7. Disponível em: <https://politics.org.br/edicoes/cultura-compartilhada-e-forma%C3%A7%C3%A3o-de-redes-locais-experi%C3%Aancia-do-tangolomango>. 2006.